



O RETRATO PÓSTUMO DE OSCAR WILDE

Por Giovanni Iemini

Ao verme que roeu as frias carnes do meu cadáver, agradeço sua fome e presteza no cumprimento do serviço, e ao autor brasileiro de Brás Cubas, minhas congratulações, seguida pela mais pura inveja por uma idéia tão original: a de memórias póstumas. Quisera eu conhecer este recurso no tempo devido, talvez meus restos mortais ainda estivessem intocados, ou melhor, roídos, mas em seu lugar de origem no cemitério de Bagneux, em que fui enterrado, pois sempre odiei Père Lachaise, onde me construíram uma tumba a pedido do desprezível cristão Robert Ross.

Ross ainda pediu que meu jazigo possuísse um pequeno compartimento para seus próprios restos. Um disparate! Não bastou me enfiar sua Santa Igreja Católica Romana goela abaixo em meu leito de morte, ainda permanece ao meu lado após o falecimento para me fiscalizar e chatear com seus conceitos antiquados. Ainda bem que nunca foi capaz de juntar duas linhas que prestassem num texto, assim não tornou-se um defunto-autor, parece que tal dádiva só é concedida a poucos.

Minha vida não foi convencional. Descobri no dandismo uma nova percepção da realidade, tendo o belo como antídoto das mazelas da sociedade industrial. Tornei-me minha própria criatura, um dândi, com atitudes doidivas e mundanas, claramente dedicado ao amor que não ousa dizer o nome, pois a Inglaterra industrial ainda mantinha os conceitos pós-vitorianos do século anterior. Eu jamais teria alcançado tanto sucesso na dramaturgia se minha condição homossexual fosse pública. Até tive casamento com filhos para disfarçar minha verdadeira paixão.

Por conta dessas extravagâncias, fui julgado e condenado por cometer atos imorais com diversos rapazes, ou o que isso pudesse significar, já que foi apenas um moço o pivô da farsa jurídica, um juvenzinho afeminado que pouco me interessou, porém era nobre e o pai marquês quis minha cabeça por confundir a do rapaz. Nada mais hipócrita, em se tratando de um país monárquico, protestante e colonizador, porém os valores sociais nunca estiveram ligados a qualquer espécie de moral, mas sim à ética do dinheiro.

Quando me exilei em Paris, após o cárcere, e escrevi sob o pseudônimo de Sebastian Melmoth, meus textos não surtiram a mesma adoração, talvez pela falta do glamour do dandismo ou pela perda de apoio dos editores e dramaturgos, mas acredito que o próprio Bosie, o juvenzinho afeminado, agora empossado como Lord Alfred Douglas, foi quem dinamitou qualquer possibilidade de meu retorno ao sucesso. Ele não queria voltar a ser vinculado à minha figura excêntrica.

Adoeci. Meningite e sífilis. Os médicos disseram que o álcool agravava a situação, mas, oras, quem acredita em médicos? Eles são como urubus sobre carniça, na esperança de receber os últimos trocados do moribundo. Aliás, parecem os cristãos, que sempre me criticaram contudo ainda assim querem me ver no céu. Foi por isso que Ross surgiu para mim ao fim da vida, queria me alistar ao exército divino. Certamente ele ganharia muitos pontos por minha conversão, além de eternamente prostrar-se ao meu lado em Père Lachaise, o cemitério dos pedantes burgueses e dos irritantes novos ricos.

Em meu leito de morte, cercado por médicos e padres, o desprezível Robert fez sua jogada magistral. Perguntou-me se eu me arrependia dos pecados. Quis responder que só daqueles que não cometi, porém estava fraco demais para gracinhas, até mesmo para debater o sentido do pecado para um ateu como eu. Como permaneci em silêncio, disse Robert que eu consentia. Depois perguntou se eu aceitava a Igreja Católica no meu coração. Continuei mudo, na verdade eu estava incrédulo com tanta baboseira. Robert cochichou ao meu ouvido que, se eu aceitasse a Igreja, poderia beber o vinho de missa que o padre levava para minha extrema unção. É claro que assenti, havia dias que não conseguia beber nada, além da doença eu também sofria de desprovimento de verbas.

Fui consagrado, unguido ou qualquer outro dogma cristão que não me vale nada. Só me importava molhar a garganta com o vinho, eu sentia que não me sobraria mais muito tempo. Infelizmente descobri que a graduação alcoólica era quase nula, os goles não me relaxariam para encarar a indesejável. Resolvi fazer como piada final dessa ilógica existência um comentário sobre minha devoção religiosa. Pedi para comer uma hóstia como tira-gosto do vinho, que reclamei era para mulheres ou homens de saias, até homossexuais gostavam de uma bebida mais forte. O desprezível Robert negou meu pedido e, pior, ainda falou que não pude comungar antes de morrer porque estava muito fraco. Balela. O que eu queria mesmo era saber se a Eucaristia provocaria alguma reação física, como uma droga, para que o tal verme que me roeu ao menos curtisse comigo a última viagem.